

TÃO LONGE É AQUI: ELIZA CAPAI E O CINEMA COM MULHERES

A JORNALISTA E CINEASTA Eliza Capai já percorreu mais de 25 países dirigindo documentários com temáticas sociais e de gênero. Em 2010, foi para o continente africano, o que culminou em seu longa-metragem *Tão longe é aqui* (2013), com histórias de mulheres que protagonizam e ressignificam o contexto em que vivem. Sob a ótica de uma narradora viajante, determinada e curiosa, uma carta é enviada para o futuro, para sua filha, com a pretensão de compartilhar essas histórias. O longa tensiona o limite entre o documentário e o *road movie*. *Tão longe é aqui* perturba a memória existente, permitindo a criação e o resgate de momentos e sensações com que as mulheres espectadoras conseguem se identificar.

No Mali, a cineasta é comparada a uma boneca quando crianças negras a identificam com o único brinquedo que possui pele clara. As filmagens na Etiópia desvelam os sonhos ao mesclar tabus sociais e enfrentamentos. Entre os Dogon, foi vista como sendo a colonizadora. “A diferença entre eu e você? Você é branca.” – diz Hawa.

Esse jogo de histórias, vidas, paisagens e diálogos de mulheres, com e para mulheres, ao mesmo tempo em que nos desterritorializa em nossas essências, nos territorializa em nossos incômodos. Esse “vai e vem” (tão longe e aqui) de sentimentos produz, por um lado, o estranhamento, o racismo; por outro, a aproximação pelo gênero¹, que nos permite enxergar um problema de pertencimento que, embora carregue o peso da cor, transcende raça e etnia por nos identificarmos como mulheres, muito embora as discussões sobre feminismo e feminismo negro ainda não tenham chegado àquelas mulheres de Dogon da forma como as estabelecemos no Ocidente.

O sonho de ser mãe, carregado pelo afeto e diálogo, em oposição ao desejo da não maternidade, a infelicidade ao ver as mutilações e violências, e o desgosto da condição da vida de algumas meninas. O tema aparece por meio da carta e das cenas filmadas, que usam a água como recorte. O mar, as ondas, a profundidade e a maternidade em meio a cores e sons tranquilos e equilibrados resguardam os diálogos travados com sua “filha”. Sua intenção é contar a ela sua experiência e o mundo vivenciado sob a ótica daquelas mulheres. A convivência com outras meninas e outras mães é relatada pela cineasta por meio da carta como um gênero textual, já que essa forma de linguagem representa um modo de interação muito íntimo e particular.

O longa estreou no Festival do Rio, onde recebeu o prêmio de Melhor Filme na Mostra Novos Rumos, e atualmente é exibido pelo Canal Curta.

— — — — — POR ANA CAROLINA DOMINGUES* — — — — —

FOTO: NICK J. MARTELLI





Tão longe é aqui

FILMECULTURA Como foi a experiência da viagem pelo continente africano? O que sentiu durante a conversa com aquelas mulheres, especialmente no que se refere às diferenças e proximidades com as mulheres do Mali?

ELIZA CAPAI Essa viagem me pirou. Fui com um objetivo muito diferente daquele proposto. Minha família tem origens portuguesa e italiana. Minha bisavó era negra, descendente de um relacionamento de um escravo com uma índia, então, fui com essa visão de origens e pertencimento do nosso país. Mas, quando cheguei lá, fui para lugares nos quais as pessoas não tinham referências do que é Brasil. Como também não havia televisão nesse vilarejo em Dogon, não setinha ideia de onde ficava o país. Quando dizia "sou do Brasil", eles imaginavam que Brasil ficava na Europa, junto da França.

Como é uma mulher Dogon? Qual a diferença entre nós?

Essas são perguntas baseadas em um modelo ocidental. Essas perguntas são completamente descoladas daquele lugar. Elas fazem parte do nosso mundo, não do mundo delas.

Você acha que seu trabalho se enquadra em algum movimento recente do cinema brasileiro, considerando a forma independente de produção?

Adoraria que me encaixassem! Os críticos criam esses movimentos, mas meu cinema é, sem dúvida, independente. Em relação à viagem para a África, consegui vender uma série para o canal GNT, em forma de matérias. Fiquei lá durante sete meses e, quando acabou o dinheiro, voltei. Depois, fiz um financiamento para fazer o filme, então, é um filme "ultra" independente. Sinto-me encaixada nesse movimento que as novas tecnologias permitiram. Na faculdade, era impossível pensar que ia fazer um longa sozinha, porque era muito caro, e hoje consegui fazer com uma câmera comprada por meio de um programa de TV.

Como surgiu a ideia de reunir o material e contar a história daquelas mulheres?

Ao pegarmos o material para fazer o filme, vimos que era um material muito diverso, que tentava apresentar quem eram aquelas mulheres e as possibilidades de ser

Não acredito que exista uma
fórmula de como ser mulher.



FOTO: DIVAGAR

mulher naqueles lugares. Havia muitas perspectivas de abordagem, no entanto, alguns temas me chamavam a atenção, como a poligamia, a questão da água no Cabo Verde, as mães solteiras no Marrocos. Então, pensamos o que unia o material.

Temos um estereótipo de como são as mulheres africanas. Muitas vezes falamos "as africanas", mas essa unidade não existe, são 200 línguas e religiões diferentes. Portanto, quando fiz as matérias para o canal GNT, a ideia foi quebrar esses estereótipos, e, assim, cada episódio apresentava mulheres totalmente diferentes, com outra língua, outra cor e outra moda. Em relação ao longa, tinha muito receio de que se tornasse um filme antropológico, sendo eu branca e chegando lá e falando: "olha o que fazem aqui, isso não é muito legal". Não acredito nisso, não acredito que exista uma fórmula de como ser mulher.

Você comentou que não gostaria que o filme ganhasse um tom mais objetivo e "antropológico". Quais estratégias pensou e usou para tensionar o limite do documentário e da narração?

Eu e Daniel [Augusto, roteirista] buscamos muitas possibilidades e, por isso, chegamos na ideia da carta, na tentativa de ser um filme pessoal. Estou falando para minha filha, então, posso falar de um sentimento que é pessoal e não taxativo. Era o modo como eu sentia aquilo, com os incômodos que senti, entretanto,

sabendo que não falo a verdade absoluta sobre aquele lugar. Para mim, essa era uma preocupação muito grande, porque não entendia aqueles lugares. Eu ficava um mês em cada lugar. Imagine uma pessoa no Brasil um mês para falar como são as brasileiras, é impossível! Estamos há 200 anos tentando entender qual é o nosso lugar como mulher na sociedade.

Hawa é uma das mulheres que chama a atenção no filme, por pertencer a um vilarejo sem eletricidade, portanto seu trabalho, espaço e tempo são diferentes. Como essas mulheres entendem o feminismo?

Se Hawa é feminista não sei, não entendo a língua dela. Então, não sabemos o lugar dela. Eu acho que é interessante ver o que isso desperta em nós. Quando alguém fala "você é branca e é isso que nos separa", não acho que seja o que nos separa. Para mim, o que nos separa é que ela tinha um marido que tinha outra mulher! Assim como ela não conseguia me enxergar na minha situação, cheia de equipamentos, viajando sozinha. Então, tínhamos várias coisas que nos separavam, mas, para ela, era apenas a cor da pele.

Na África do Sul, por exemplo, existe estupro "corretivo", ou seja, para as lésbicas entenderem que, na verdade, elas gostam de homem. As meninas, então, estão no time de futebol lésbico porque é uma maneira que elas encontraram de se unir. São lésbicas, pobres e pretas, num país que faz estupro corretivo. Elas precisam entender o lugar em que estão para se empoderar. Naquele espaço, elas discutem o feminismo de maneira aberta. Onde Hawa está, esta é uma discussão que nosso feminismo não atinge, não havia espaço para discussão sobre esse tema. Se formos pensar, nossos interiores não são diferentes. A poligamia não está na lei, mas existem muitas famílias assim.

Quais são suas referências? Algo te influenciou na montagem do longa?

Quando fui para África, assisti a algumas produções de Jean Rouch e gosto muito do modo como ele faz uma inversão no papel do colonizado. Quando comecei a editar o filme, por acaso, assisti ao *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2010). Nesse filme, a partir de um



Tás a Ver
Arissas Multimídia
Laboratório Clisco
GNT
apresentam



Tão Longe é Aqui

"Here is so far"

Um filme de Eliza Capai

roteiro: Daniel Augusto e Eliza Capai produção executiva: Clarissa Guarilha
direção de fotografia: Eliza Capai montagem: Eliza Capai e Eva Randolph, ed.
música: Nduduzo e Omagugu Makhatini desenho de som: Kira Pereira
mixagem: Damião Lopes coordenação de pós-produção: Julio Matos
ilustração: Juliana Scheid design gráfico: Arthur Amaral

www.taolonge.com

material desconexo, cria-se uma narrativa poderosa. Foi um *start* para que eu não fizesse um documentário clássico. Foi então que surgiu a ideia da carta.

Você passou por Cabo Verde, Mali, Marrocos, África do Sul e Etiópia. No entanto, durante o longa, notamos que as paisagens da Etiópia não foram organizadas como os demais destinos. Por quê?

A escolha da carta para a filha simboliza a crise de maternidade, que é uma crise real. Por meio da carta, pudemos falar de preconceitos e de distâncias sem soar demasiadamente violentos, então essa foi uma questão resolvida. Mas havia outra questão que foi a que eles me colocaram lá, como colonizadora, quando as crianças me identificam com uma boneca branca. Eles me colocaram no lugar de meu inimigo histórico, que é o colonizador, e eu virei minha inimiga histórica! Se eu falasse de racismo, a narrativa ia se perder, mas, então, como falar disso sem ser racista? Então vieram os sonhos, porque o sonho é esse lugar do subjetivo tentando entender a realidade. As paisagens da Etiópia, assim, simbolizam os sonhos, trazem os tabus e os preconceitos.

***Tão longe é aqui* é um filme que traz tanto a perspectiva de uma mulher filmando quanto a de mulheres filmadas. Qual sua visão sobre o espaço das mulheres na arte e no audiovisual? Quais possibilidades de arte e feminismo para transformação?**

Até pouco tempo nossas referências eram masculinas. Vivemos em um momento muito poderoso de tomada de consciência, sobre o lugar que gostaríamos que as mulheres ocupassem e o lugar que realmente estamos ocupando. Nos damos conta de que os números das produções masculinas e femininas são muito diferentes; é muito agressivo ver isso. As produções femininas estão longe [de atingir os parâmetros numéricos das produções masculinas] porque não há dinheiro. Quando elas acontecem, é por necessidade, porque precisam ser feitas, como uma terapia. Tomar consciência disso é muito duro. Ao mesmo tempo, tomar consciência é o início da transformação. Percebi um

florescimento recente de grupos de mulheres no audiovisual, diretoras de fotografia, editoras. É a criação de redes para se pensar na formação de equipes.

Num mundo machista e agressivo, como responder a isso pensando na transformação? Mas acho que está funcionando. Estamos conseguindo fazer mais filmes dirigidos por mulheres. Com isso, construímos uma multiplicidade de olhares sobre a nossa sociedade que é muito positiva. Acredito que a arte funciona num lugar de formação do subjetivo que é muito potente, mas não é óbvio. É um movimento que vem nos aproximando, em que a nova geração de cineastas, que está na escola, está aprendendo que mulheres podem dirigir cinema. Eu, por exemplo, não aprendi isso na escola. Começamos a ver uma realidade que incorporou diferentes formas de luta contra o machismo. Um exemplo disso é o filme *Era o Hotel Cambridge*, de Eliane Caffé, sobre ocupação. Para mim, nesse filme não há nenhum discurso feminista (inclusive acho que existem mais personagens homens), mas tem ali uma forma de escutar esses homens que é tão empática... Não é o olhar de alguém que sempre teve privilégios sociais, mas o olhar de alguém que tem a sensibilidade de se colocar no lugar do outro (embora, nesse caso, seja uma mulher, os homens, obviamente, podem fazer isso também). Mas acredito que, agora, temos essa multiplicidade de olhares que afetam nossa formação.

Texto selecionado no Edital Filme Cultura Edição 63

***ANA CAROLINA DOMINGUES** é graduada em Pedagogia e mestranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com pesquisa sobre análises de imagem dentro de uma forma fílmica, o longa-metragem *Tão longe é aqui* (2013), dirigido pela jornalista Eliza Capai.

NOTA

I Neste caso, entende-se gênero como uma construção social, e não como categorização de uma obra.